

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MATHEUS VENÍCIOS CARNEIRO LIRA SANTOS

A ORIGEM DO MAL E A LIBERDADE HUMANA NA FILOSOFIA DE
SANTO AGOSTINHO

ANÁPOLIS -GO

2022

MATHEUS VENÍCIOS CARNEIRO LIRA SANTOS

A ORIGEM DO MAL E A LIBERDADE HUMANA NA FILOSOFIA DE
SANTO AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Faculdade Católica de
Anápolis, como requisito necessário para
obtenção do Grau de licenciatura em
Filosofia, sob orientação do Prof. Ms
Gessione Alves da Cunha.

ANÁPOLIS-GO

2022

RESUMO

O presente trabalho desenvolve-se por inspiração no *De Libero Arbitrio* ou Sobre o livre-arbítrio (traduzido em português), uma obra de Santo Agostinho, objeto de estudo sobre o problema do mal no mundo e a sua razão de existir, como sabedoria exposta ao homem para explicar sobre suas ações que refletem ao elo perdido com o seu Criador, a desejar não mais a Deus, mas, sobretudo as criaturas por Ele feitas. O homem após descobrir sua total liberdade, toma ações deliberadas, mas que todas elas têm o seu preço. O afastamento do homem para com Deus, segundo Agostinho, com efeito, é um mal muito mais grave do que qualquer doença orgânica. De fato, os homens mergulhados unicamente nos assuntos de coisas materiais, são muitas vezes incapazes de enxergar a deformidade que lhes causam as desordens de seus atos. Serão objeto de estudo as consequências do livre-arbítrio, tal como a sua natureza, a generosidade da criação por parte de Deus, a origem do mal pela visão de Agostinho, investigando se a amargura que acomete a muitos pelo exercício do mal no mundo vem de Deus, se é Ele mesmo que nos impõe estes males, se seria um Deus “punidor” ou se não seria o homem mesmo que compra sua infelicidade.

Palavras-chave: mal, maniqueísmo, neoplatonismo, livre-arbítrio.

ABSTRACT

The present work is developed by inspiration of *De Libero Arbitrio* or about Free Will (translated to English), a work by Saint Agoustine, object of study on the problem of the evil in the world and its reason for existing, as exposed wisdom to man to explain about his actions that reflect the lost bond with his Creator, to desire no longer God, but, above all, the creatures made by Him. Man, after discovering his total freedom, takes deliberate actions, but all of them have their price. Man's estrangement from God, according to Augustine, in fact, is a much more serious evil than any organic disease. In fact, man immersed only in matters of material things, are often incapable of seeing the deformity caused by the disorders of their actions. The consequences of free will be studied, as well as its nature, the generosity of creation by God, the origin of evil according to Augustine, investigating whether the bitterness that affects many for the exercise of evil in the world comes for God, if it is He Himself who imposes these evils on us, if it would be a "punishing" God or if it would not be man himself who buys his unhappiness.

Keywords: evil, manichaeism, neoplatonism, free will.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. A PERCEPÇÃO DO MAL NA MOCIDADE DE AGOSTINHO E O MANIQUEÍSMO.....	8
2. A IMPORTÂNCIA DO NEOPLATONISMO PARA AGOSTINHO NA SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO MAL	16
3. A RESPOSTA DE AGOSTINHO PARA O PROBLEMA DO MAL APÓS SUA CONVERSÃO	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Em toda a história da filosofia o problema do mal sempre foi objeto de reflexão e curiosidade por parte de muitos pensadores, as ações que eram visíveis aos olhos de homens e mulheres, chegando até a discussão filosófica e também acadêmica em torno desse tema.

Há em cada ser humano uma capacidade imensa para o cumprimento das coisas, sejam elas ordinárias aquelas que são comuns para a sociedade, para a vida em comunidade, em família ou as de modo extraordinário. Há uma tendência seja para o mal, seja para o bem, coisa tal que se confirma diariamente aos nossos olhos, quando nos deparamos com incontáveis atitudes de outros indivíduos ou até mesmo nossas, em que podemos julgá-las como boas ou más.

Para Agostinho, o mal moral provém de uma desordem da natureza humana. Mas a natureza humana em sua origem é boa, apesar de suas escolhas em algumas circunstâncias não seja acertadas, a natureza humana só será má na proporção em que suas capacidades estão na desordem e na corrupção. Será esta inclinação que moverá o homem da vida virtuosa, arrastando-o para outras inspirações distintas para qual o homem fora criado, como para a prática do mal. Por isso não poderia prover do criador esta mesma desordem no mundo. Mas sim, de toda generosidade em criar o homem e ainda assim, deixá-lo livre para tomar suas próprias decisões e viver conforme suas próprias escolhas.

Vendo todas estas realidades humanas e o drama do homem que muitas vezes poderá viver sob o peso do braço que o mal poderá exercer ou até mesmo o mal inserido em sua vida por consequência mesma de seus atos, este estudo será oportuno em abordar estas condições da história humana, como onde está o mal e o que seria para nós o livre-arbítrio, um peso ou liberdade.

No primeiro capítulo abordaremos o contexto histórico em que Agostinho viveu, uma vida afastada de princípios morais, de Deus e dispersa em tantas coisas que mais tarde lhe causaria grande frustração. Consequentemente, o encontro dele com o maniqueísmo e suas doutrinas, em busca de respostas para a sua incompletude de vida.

Será abordado no segundo capítulo a adesão de Agostinho ao neoplatonismo e a explanação dos pensamentos desta corrente filosófica, bem como também a reviravolta para Agostinho, pelo impacto do exemplo e ensinamentos de Ambrósio, Bispo de Milão, transmitindo-lhe o conceito de substância espiritual de Deus, a satisfação de Agostinho, agora, com as Sagradas Escrituras e sua conversão.

O terceiro e último capítulo abordará a solução de Agostinho para o problema do mal, a criação que será considerada boa, o entendimento do livre-arbítrio, onde está realmente o mal, o problema do pecado no homem e suas consequências.

1. A PERCEPÇÃO DO MAL NA MOCIDADE DE AGOSTINHO E O MANIQUEÍSMO

Durante toda a sua vida, por ter não somente presenciado, mas também vivido o mal e por ter por ele passado, Agostinho sempre meditou sobre essa realidade, o problema do mal, que foi palpável em seus dias. Um fato que ele não considerou apenas como algo do ponto de vista acadêmico, mas também uma questão tipicamente humana.

Já sendo bispo de Hipona e gozando de vasta aclamação popular, Agostinho, olhando para sua vida pregressa, escreve as *Confissões*, em forma de autobiografia em que narra sua infância e juventude afastadas de Deus, seu crescimento intelectual, mas ao mesmo tempo, suas inquietações, suas fraquezas e posteriormente seu desabrochar espiritual e firmeza na fé cristã, que a partir daí nunca mais voltou atrás.

Refletindo sobre o envolvimento com o mal desde muito novo, Agostinho não sentia remorso algum, muito pelo contrário, encontrava ali gozo e divertimento.

“Também eu quis roubar, e roubei não forçado pela necessidade, mas por penúria, fastio de justiça e abundância de maldade, pois roubei o que tinha em abundância, e muito melhor. Nem me atraía ao furto o gozo de seu resultado, mas atraía-me o furto em si, o pecado” (AGOSTINHO, 1984, p. 55).

A partir do entendimento do livre-arbítrio, o homem é chamado a olhar para dentro de si e conhecer a si mesmo. Conhecer sua natureza e suas capacidades diante de Deus.

Assim, o homem tem em suas mãos a capacidade de escolher entre o bem e o mal, à obediência a Deus e o prêmio da vida feliz ou a tristeza de uma vida separada de Deus. O mal passou a ser tratado por Agostinho como uma questão de reflexão filosófica, após conhecer a filosofia de Cícero, sobretudo a obra o *Hortensius* que lhe tocou profundamente. O estudo da filosofia lhe despertou do ceticismo para a conversão e a sede de conhecimento, sendo não mais um estudante desleixado e indiferente aos seus mestres.

Ao escrever *Confissões*, Agostinho mostra o quanto pôde olhar para o passado de sua vida, agora com um olhar espiritual e reconhecer os feitos que teve enraizados em sua história através do mal, onde sua mente se ofuscava e não atingia o conhecimento da verdade.

“Eu me afastava cada vez mais de ti; e tu o permitias. Eu me agitava, me dissipava, ardia nas paixões da carne; e tu calavas. Alegria que tão tarde te encontrei! Tu calavas, e eu de ti me afastava, multiplicando as sementes estéreis do sofrimento, em degradação insolente e inquieto esgotamento” (AGOSTINHO, 1984, P. 46)

É olhando para sua própria vida, que Agostinho enxerga perfeitamente a existência do mal, passa a compreendê-lo aprofundando-se nessa realidade, acusando-se tal pecador. Considerou como má a própria busca de se lançar nesse mesmo estudo do mal e sua causa, influenciado e mergulhado na doutrina dos maniqueus¹. Por ter aceitado esse dualismo ontológico dos maniqueus, foi avaliado mais tarde como um grande erro em sua vida. “Devia ter procurado primeiro a Deus, para olhar depois ao redor e ver onde estava o mal” (EVANS, 1995, P. 20).

Agostinho sendo um excelente orador, por este dom, viveu grande parte de sua vida imersa neste prestígio que possuía, fazendo da retórica seu estilo de vida. Com o passar do tempo, descobre na filosofia algo superior à retórica, ao descobrir a obra de Cícero. A partir daí Agostinho compreende que, quem alcança a sabedoria que lhes é generosamente destinada, chega também à bem-aventurança, aproximando sua vida do que ele acreditava ser a verdade, ou seja, o próprio Deus:

“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus (Mt 5,8). Portanto, quão tolos são os que buscam ver a Deus com estes olhos exteriores, uma vez que Deus é visto com o coração simples. E, assim como a luz só pode ser vista por um olho limpo, assim também Deus só será visto por aquele que tiver o coração limpo” (AGOSTINHO, 2019, p. 9).

A felicidade, para o jovem Agostinho, é o valor que há no ardente desejo da busca da sabedoria, firmeza na qual encontrou Deus, dedicando-se aos estudos sagrados, mas essa jornada só foi possível ao se lançar antes à filosofia.

Apesar da obra de Cícero ter despertado Agostinho a buscar a verdadeira sabedoria, para ele ainda faltava algo que levaria à Verdade transcendente, seria o nome de Cristo. Sabemos que a educação de Agostinho foi dada segundo a moral da Igreja Católica, pois sua mãe, Mônica, era uma católica fervorosa, seu pai, Patrício, era pagão, adiando seu Batismo até chegar próximo à morte. Sua mãe teve grande influência na vida do filho, em constantes orações para que o filho aderisse à Fé Católica. Segundo Costa

¹ O pensamento maniqueísta provém de um pensamento religioso ou filosofia religiosa, do Século III, voltada para o sincretismo e dualismo, dividindo o mundo entre Bom (Deus) e Mau (Diabo). Tudo o que é matéria, é mal, o que for do espírito, é bom.

(2002, p. 19), mesmo se envolvendo em Cartago com atividades pagãs, Agostinho frequentava a Igreja Católica. Evans (1995, p. 27) defende a mesma opinião, indo além, afirmando que Agostinho vivia uma observância nominalmente cristã, colocando seu interesse referente às idas ao templo, mais nas garotas de sua época, do que nos exercícios de piedade cristã.

Até aquele momento de sua vida, Agostinho não havia descoberto bases de argumentos suficientes nas Sagradas Escrituras, conseqüentemente ingressaria na fonte do maniqueísmo que se apresentava para ele como resposta filosófica e coerente sobre as principais questões da existência, entre elas está o mal. Agostinho permaneceu por um período de aproximadamente nove anos neste grupo dos maniqueus. Anos mais tarde, ainda conduzido pelo desejo de verdade auxiliado pela filosofia de Cícero, destacando o *Hortensius*, se aprofunda na simbologia maniqueia baseada na astrologia² que cultuava elementos dos astros como o sol e a lua, décadas depois na filosofia das Categorias de Aristóteles.

O norte que Agostinho buscava, aparentemente encontrou na doutrina maniqueia, apresentando-se como uma crença mista entre religião e ciência, na qual explicava de forma racional a existência do homem, o universo e, sobretudo, o problema do mal.

“Agostinho, inspirado pela leitura do *Hortensius*, procurava uma sabedoria verdade como algo capaz de ser alcançado pelo próprio homem, sem a interferência da autoridade e da fé ou, pelo menos, onde a autoridade da razão tivesse propriedade ante a fé. Ou, como diz Capanaga, ‘O *Hortensius* despertara nele o espírito racionalista, e afã de construir a vida sobre convicções pessoais’. Daí sua entrada no maniqueísmo (...) os maniqueus apelaram à sua vaidade intelectual oferecendo-lhe um meio de mostrar que ele era diferente do tipo comum, alimentando assim o seu orgulho intelectual, já acostumado a brilhar entre os amigos e colegas de estudo. Mostravam-lhe também, um caminho para Deus pelo exercício livre da razão, um caminho que não exigia dele atribuir autoridade a quem quer que fosse, senão ele mesmo” (COSTA, 2002, p. 48).

Havia ainda entre os maniqueus a convicção de serem a religião absoluta, os verdadeiros cristãos, o verdadeiro cristianismo, onde faziam jus ao verdadeiro evangelho, vivendo uma vida de ascese e austeridade, ideais que já naquela realidade temporal concernente a Agostinho, eram tidos como o ideal de vida cristã. As práticas maniqueias se assemelhavam bastante com os ideais cristãos que foram ensinados logo cedo a Agostinho, no seio familiar, por isso não encontrou dificuldades para conformar-se ao

² Os maniqueus veem a lua e o sol como instrumentos purificantes da substância divina que estava sob o poder das trevas.

maniqueísmo, como um meio oportuno para a própria satisfação de suas expectativas filosóficas e religiosas.

O gnosticismo da seita maniqueia origina-se da doutrina de Mani ou Manés, que supostamente teria possuído uma revelação da natureza divina e do universo, aos doze anos de idade, através da visita de um anjo mensageiro do reino da luz. Tudo isso, curiosamente, traz grandes semelhanças³ com a Anunciação do Verbo divino. Doze anos após esta primeira aparição, o anjo apareceria novamente, dando-lhe a incumbência de anunciar e propagar sua religião, espalhando-se instantaneamente por todo o continente asiático, estendendo-se também à Europa e África. Foi em Cartago, que, enquanto estudante, Agostinho teve seu primeiro contato com a seita.

Ao sentir-se fascinado, Agostinho tinha como grande preocupação e motivação, desvendar o problema do mal e encontrar uma resposta para tal questionamento. Por mais que tenha sido uma doutrina condenada posteriormente não somente pelo próprio Agostinho - mas também por muitos filósofos e teólogos - podemos notar que ao adentrar nesta prática, atesta-se a máxima de que Deus não permitiria o mal, se dele não pudesse tirar um bem maior. Foi exatamente dessa adesão equivocada ao maniqueísmo como verdade, que Agostinho despertou sua curiosidade para desvendar o sentido o mal. Mais tarde Deus se valeria do mesmo Agostinho para fazê-lo um instrumento seu, como um dos maiores filósofos e teólogos de todos os tempos.

“No maniqueísmo, Agostinho pensou ter encontrado uma resposta para o problema do mal moral no homem, ou seja, para sua má conduta moral, pois ali acreditou com intensidade que não era totalmente livre, mas que sua liberdade somente poderia identificar-se com uma parte dele mesmo a sua alma boa. A outra, a matéria, não só era ontologicamente má, mas também contaminaria ou influenciaria a parte boa a praticar o mal. Julgava, portanto, que ele pecava não voluntariamente, mas que estava deterministicamente programada para fazer o mal” (COSTA, 2002, p. 101).

O maniqueísmo trazia uma explicação muito confortável que, de início, o entusiasmou: a sua doutrina isentava Deus de quaisquer responsabilidades pelos males que acontecem no universo e o homem das maldades por ele praticadas. O problema estava centrado em Deus: sendo Deus o supremo bem não pode ser a causa do mal, com

³ Provavelmente, Mani teria recebido a aparição de um anjo aos doze anos de idade, segundo a Tradição Bíblica, (cf. Lucas 1, 26-38) o Anjo Gabriel teria sido enviado à Maria, para anunciar que Cristo, se encarnaria em seu seio, por determinação de Deus. O que nos remete à idade de Mani faz-nos lembrar de que após a natividade de Cristo, os Evangelhos nos contarão sua vida somente a partir dos doze anos de idade (cf. Lucas 2, 41-50).

isso afirmava a existência de dois princípios ontológicos, um do bem (Deus) e o outro do mal, a governar o universo.

Ficava bastante claro que a doutrina maniqueísta sustentava-se especialmente nesse dualismo do bem *versus* mal, dividido em três tempos: início, meio e fim.

“O maniqueísmo era essencialmente dualista em sua essência, e seus adeptos acreditavam que o mundo era produto do conflito entre o bem e o mal (Luz ou Trevas)” (STRATHERN, 1999, p. 16). O que temos por início, podemos entender como a origem cósmica dos dois princípios ou dois reinos, porém, ainda estavam independentes e sem se confrontarem; o meio ou tempo médio foi o espaço de tempo da criação do mundo, foi aí que se iniciou a luta entre os dois reinos; o tempo final será o retorno da substância luminosa (divina) prisioneira na matéria para suas origens, sendo essa a última etapa da luta entre o bem e o mal.

Já sabemos que umas das maiores motivações de Agostinho para aderir aos maniqueus foi o desejo de encontrar uma resposta racional para o problema do mal em meio aos homens. Entretanto, posteriormente pôde compreender que naquele racionalismo dos maniqueus havia somente uma resposta aparente, mas não conseguiria chegar à conclusão que desejava obter, pois ali não havia respostas bem fundamentadas, o fundamento era apenas um misticismo simplista.

“Seria por volta do ano 383, quando contava com 29 anos de idade, que viria à tona sua grande desconfiança para com o maniqueísmo (...) tal desconfiança deu-se em quatro níveis: 1 – científico (dúvidas quanto ao caráter racional do maniqueísmo ou se neste havia uma supremacia da razão sobre a fé); 2 – escriturístico (falta de fundamentação científica quanto às críticas maniqueias às Sagradas Escrituras, principalmente ao Velho Testamento); 3 – metafísico (incoerências quanto à explicação do problema do mal) e 4 – moral u psicológico (hipocrisia quanto à vida ascética dos maniqueus). Ou seja, a crise maniqueia de Agostinho nascia da desconfiança ou do questionamento dos mesmos pontos que o levaram a abraçar o maniqueísmo” (COSTA, 2002, p. 123-124).

Acontecendo que Agostinho tinha despertado para a sede de conhecimento da verdade por ter sido impulsionado justamente pelas ciências gregas, ganhando assim sua atenção, e depois veria que a ciência em que seguia não se igualava ao que inicialmente tinha o atraído. Ora, se até mesmo as ciências gregas como lógica, astronomia, entre outras, não se mostravam capazes de solucionar tais problemas, quanto mais as ciências maniqueias poderiam fazer chegar ao ponto desejado.

No plano metafísico, os maniqueus defendiam a existência de dois princípios ontológicos: o bem (Deus) e o mal, nos quais, estes estariam sempre em constante luta.

Ora, se nesta presente luta o mal fosse capaz de causar algum dano a Deus, Deus seria vulnerável, violável e corruptível, e, sendo Deus incapaz de ser de algum modo atingido ou ferido, não haveria necessidade de haver qualquer confronto.

De fato, conforme escreve Gilson,

“O problema depende essencialmente da metafísica, pois a vontade humana é apenas um fragmento da ordem universal. Para resolvê-lo é necessário partir da consideração do ser. Deus é, por definição e em virtude das provas que estabelecem sua existência, o soberano bem. Sendo o bem supremo, não há nenhum bem acima ou fora dele. Assim, Deus não pode mudar uma vez que, não havendo qualquer bem a ser adquirido, ele não tem nada a perder nem a ganhar” (GILSON, 2010, p. 271).

Portanto, a liberdade que ontologicamente estrutura o ser humano, coloca o homem sempre à frente de suas decisões e seu querer, escolher entre o bem e o mal, não deixando que haja conflitos entre si, como imaginava a seita gnóstica, mas entre a própria luta de ações do homem, bens temporais ou bens atemporais etc.

Havia ainda mais um fator que não se sustentava naquilo que Agostinho julgava, tratava-se de uma incoerência moral quanto aos chamados “eleitos”, pessoas que lideravam a seita, mas que não se faziam fiéis aos mandamentos que deveriam obedecer, tornando-se assim, meras cascas de aparências por fora, mas por dentro, apenas o vazio.

Podemos assim perceber que Agostinho nunca foi Maniqueu por plena convicção, mas pelo motivo de que em seu estado de espírito concernente àquela época, inicialmente acreditava serem possíveis tais explicações que encontrava naquela doutrina, mas que com o passar do tempo foi ganhando cada vez mais descrédito e gerando confusão em seu interior. Na verdade, “Agostinho precisava de uma explicação convincente para sua condição, uma explicação que fosse suficientemente profunda para que ele pudesse acreditar nela” (STRATHERN, 1999, p. 15).

Se por um lado Agostinho fazia parte da seita dos maniqueus e seguia sua doutrina, por outro desconfiava apesar de ser confortável para ele fazer parte, porém, sua busca da verdade era maior do que as explicações e soluções que dali podia tirar, não sendo suficientemente para preencher o seu espírito vivaz e inquieto.

“Agostinho tornou-se um ouvinte, ou iniciado, maniqueísta, e assim permaneceu durante nove anos. Quando, mais tarde, aderiu ao cristianismo e tornou-se de fato, um teólogo iminente da igreja cristã, ele definiu o maniqueísmo como uma heresia cristã. Mas antes que Agostinho pudesse se tornar cristão, ele precisava ter uma resposta para o problema da consciência do mal” (MATHEWS, 2007, p. 164).

Por ainda não encontrar solução para o problema do mal, onde não aceitava mais sem relutar as explicações maniqueístas, não se via progredindo em alguma direção. Por questões profissionais deixou Cartago no ano de 382 e passou a residir em Roma, com uma convicção já enfraquecida quanto aos maniqueus, sem muito entusiasmo, e partindo em direção ao ceticismo.

“Agostinho continuou a se associar com os maniqueus, de maneira um tanto diferente, com desmazelo na filosofia e começando a comparar respostas cristãs e maniqueias a questões que o atormentavam. Andava em busca de um novo rumo, mas percebeu seu espírito *captum et offocatum*, ‘fechado e sufocado’, não se podia livrar das *corporalia*, ‘as imagens corpóreas’ que lhe restringiam o pensar sobre o divino” (EVANS, 1995, p. 36).

Nesse período já não havia mais tanta esperança em Agostinho quanto aos costumes religiosos que vivia, assim como alguns incômodos também profissionalmente. Em Confissões ele descreve de forma explícita a sua angústia:

“Apagado assim meu entusiasmo pelas obras maniqueístas, e nada podendo esperar de outros mestres, já que o de maior fama se revelara tão incompetente diante dos problemas que me angustiavam, resolvi manter com ele relações baseadas apenas no grande interesse que mantinha pela literatura, que eu, como professor de retórica, ensinava aos jovens de Cartago” (AGOSTINHO, 1984, p. 123).

A partir daí mudou-se para Milão, nomeado pelo Prefeito da Cidade, assumiu a cátedra de professor de retórica, na sede da corte imperial, vislumbrou um grande crescimento profissional. Duas coisas na nova cidade foram determinantes para o restante de toda a vida de Agostinho: o encontro com Ambrósio⁴, Bispo de Milão e o conhecimento da filosofia do neoplatonismo⁵. Ambrósio com sua sabedoria eloquente obteve influência direta na conversão de Agostinho, ajudando-lhe, inclusive, a posteriormente superar o materialismo maniqueísta através do conceito de substância espiritual.

⁴ Aurélio Ambrósio nasceu na cidade de Trêves, que fica na atual Alemanha, perto do ano 339. Estando em Milão, sendo um renomado advogado, funcionário do Império, era também catecúmeno. O Bispo de Milão morre, Ambrósio com seu discurso eloquente e sensato para acalmar a multidão, é eleito Bispo por aclamação popular. Tentou recusar, mas logo foi batizado, ordenado sacerdote e sagrado bispo. Foi especialista na defesa da doutrina católica, combatendo heresias de sua época. Após sua morte foi nomeado Santo e Doutor da Igreja.

⁵ O neoplatonismo é uma vasta corrente filosófica desenvolvida entre os Séculos III e IV, originada principalmente da filosofia platônica, mas também com várias vertentes que envolvem misticismo, religião, panteísmo, estoicismo, aristotelismo entre outros. O neoplatonismo reconhece a existência de um só Deus e que tudo deriva desse ser divino, sendo influência para muitos aspectos do cristianismo, tratando-se daquilo que é compatível entre ambos.

Outra influência na história de Agostinho foi ter encontrado em Plotino grande inspiração para rumar à solução de uma resposta para o problema do mal. E sobretudo, os argumentos para a explicação da substancialidade do bem. A explicação de Plotino sobre o Uno convenceu Agostinho a entender que existe um princípio fundante de toda realidade e esse princípio é para o cristianismo, Deus. A “ontologia” da emanção deu lugar para a metafísica da criação.

“Mais do que nunca Agostinho se via agora atormentado pelo ‘problema do mal’. Já não conseguia acreditar nos maniqueístas, principalmente por conta de sua inferioridade intelectual. Eles pareciam incapazes de responder às suas perguntas sobre astronomia ou explicar o problema de seu incontrolável impulso sexual. Contudo, parecia não haver alternativa à sua interpretação dualística do mundo. A alma de luz que residia dentro dele continuava irremediavelmente presa das trevas, fora de seu controle; A própria noção de dualismo, no entanto, parecia-lhe cada vez mais inaceitável. E então descobriu a obra de Plotino” (STRATHERN, 1999, p. 20).

Agostinho que participara dos preceitos dos maniqueus para chegar às respostas que almejava quando jovem, mas por não consegui-las, agora descobrira uma nova chama de esperança no neoplatonismo, por encontrar respostas mais plausíveis do que no maniqueísmo.

2. A IMPORTÂNCIA DO NEOPLATONISMO PARA AGOSTINHO NA SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO MAL

Quando Agostinho passou a residir em Milão - cidade na qual era a sede da corte imperial na época – para tomar a honra de ser professor oficial de retórica, então passou a frequentar a Igreja Católica, pois a boa fama que Ambrósio tinha de personalidade influente tanto espiritualmente como politicamente, de pregação eloquente e altíssima desenvoltura intelectual, sobretudo na reta justiça. Agostinho sentiu-se bastante atraído pela fama que envolvia aquele santo homem, não bastou somente ouvir, mas também conhecer de perto e atestar com os próprios olhos, se aquele Bispo correspondia a tão grandes coisas que se ouvia sobre ele.

De início, a curiosidade que envolvia Agostinho ao nome de Ambrósio, não se tratava de ouvir os sermões que proferia o santo Bispo de Milão, mas tão somente, como aquele homem pronunciava seus discursos, pois lembremos que Agostinho era professor público de retórica e nela encontrava o deleite do amor pela sabedoria.

Contudo, pouco a pouco, ao observar Ambrósio e usufruir daquela aproximação, seus ensinamentos foram penetrando o espírito ansioso de Agostinho, despertando-o para uma nova caminhada. Mais tarde, Agostinho reconheceria em *Confissões* o papel que Santo Ambrósio exerceu no seu processo de conversão: Tu me conduzias a ele sem que eu o soubesse, para que eu fosse por ele conduzido conscientemente a Ti (AGOSTINHO, 1984, p.133).

Foi escutando os sermões do prelado que Deus foi trabalhando no coração de Agostinho, mas o processo foi lento e tardio, Agostinho não se converteu imediatamente ao cristianismo, as dúvidas que pairavam em sua mente desde a vida ligada ao maniqueísmo foi pouco a pouco sendo esclarecida. Agostinho estava a cada dia sendo vencido pela verdade e assim, deixando terreno para sua conversão definitiva.

“Ele dizia ter aprendido três coisas do bem-aventurado Ambrósio: a primeira era nunca arranjar uma esposa para ninguém; a segunda, não recomendar à carreira militar ninguém que a quisesse seguir; a terceira, não ir aos festins, mesmo que tenha sido convidado. A primeira, para que os esposos não o maldigam caso não se entendam; a segunda, para que, ao ver os militares praticando calúnia, os outros, vendo isto, não ponham nele a culpa; a terceira, para que não arrisque perder a medida da temperança” (AGOSTINHO, 2019, p. 23).

Incontáveis foram os ensinamentos que Agostinho pôde colher do elevado espírito de seu mestre Ambrósio, tais como o desejo incontrolável de conversão, além disto foi colhendo os frutos da vida espiritual, a saber, a ascese, a penitência, o amor pelos mais necessitados, mas entre todos estes, um deles foi de imensa contribuição para Agostinho superar definitivamente as marcas do maniqueísmo em sua vida e assim finalmente receber o sacramento do Batismo numa noite de Vigília Pascal. Este fato importante parece ser simbólico, mas significa antes de tudo a compreensão do conceito de Deus com “substância espiritual”. Agostinho passou a entender que Deus não é um ser corpóreo ou material, mas sim espiritual, de fato, os maniqueus não estavam com a verdade. Conforme escreve Marcos Nunes Costa, Agostinho,

“Rompendo com a tradição ontológico-cosmológico-materialista maniqueia, a qual afirmava a existência de duas forças coeternas criadoras do mundo – o bem, simbolizado pela luz, e o mal, simbolizado pelas trevas, ambas de natureza corpórea e em eterna luta, Agostinho aprendera com Ambrósio que Deus, ser uno e criador de todas as coisas, não forma uma substância corporal ou material, mas sim uma “substância espiritual”. Aprendera, igualmente, que a passagem do *Gênesis*: ‘o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus’, que tinha sido uma das pedras de tropeço quando leu a Bíblia pela primeira vez, logo após a leitura do *Hortensius*, e que o levou a abraçar o maniqueísmo, não podia ser interpretada ao pé da letra” (COSTA, 2002, p. 141-142).

Ao fazer uma interpretação livre das Sagradas Escrituras, fugindo do que dizia o Magistério da Igreja ao lê-las pela primeira vez, Agostinho frustrou-se, sentindo grande repulsa àquela linguagem e conteúdo. Ao ser instruído por Ambrósio, compreendeu que não deveria ler a Bíblia conforme seu próprio entendimento, mas sim, a partir de uma nova chave da hermenêutica sagrada. Observando a obra de Agostinho, podemos notar que o livro do *Gênesis* o causou bastante embaraço ao descobrir que Deus tinha criado as coisas com todo o seu afeto e capricho, mas o homem não agia conforme a beleza de Deus, o homem trazia em seu coração a maldade, o engano, a perversidade, assim como Agostinho também trazia essa mesma maldade, essas mesmas ações. Se antes ele entendia Deus como um ser corpóreo, realmente ficava muito difícil aceitar esta concepção, pois significava dar a Deus um corpo humano, finito, limitado, imperfeito, o que obviamente, era um absurdo.

“Portanto, todas as coisas, pelo fato de existirem, são boas. E aquele mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância. Porque, se o fosse, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e, portanto um grande bem; ou seria substância corruptível, e então, se não fosse boa, não se poderia corromper. Desse modo, vi e me pareceu

evidente que criaste boas todas as coisas, e que nada existe que não tenha sido criado por ti. E porque não as criaste todas iguais, cada uma em particular existe porque é boa, e tomadas em conjunto são muito boas. De fato, o nosso Deus criou todas as coisas muito boas” (AGOSTINHO, 1984, p. 188).

Agora, sabendo que Deus é um ser espiritual tudo fica claro: há no homem a imagem e semelhança de Deus, a vida da alma é Deus, pois há na alma uma dimensão espiritual habitada por Deus que a própria razão humana é limitada a compreender. Se o homem fosse imagem e semelhança material de Deus, não seriam os homens todos iguais? Todos nós seríamos brancos ou negros? Nosso aspecto comum seria o de um europeu ou asiático? Os cabelos lisos ou cacheados? À época de Agostinho, nem todos os povos se conheciam, cada região era muito delimitada entre si, inclusive suas culturas, características *et cetera*. O que Agostinho tinha em mente – ou melhor, em suas mãos – de sua época, o mundo globalizado de hoje é bem diferente e bem mais fácil de ser explorado.

“Com os sermões de Ambrósio, Agostinho teve uma série de conquistas, principalmente: 1 – descoberta da espiritualidade de Deus – ser único, criador de todas as coisas, imutável e incorruptível; 2 – espiritualidade da alma; 3 – recuperações da autoridade da Bíblia e do prestígio da Igreja Católica, contra as quais blasfemou durante muitos anos” (COSTA, 2002, p. 144).

Ambrósio assentou em Agostinho as bases para novos horizontes, para uma nova perspectiva ontológica, sendo isso muito importante para a solução do problema do mal. Descobriu a espiritualidade da realidade divina, que é um ser único, imutável e incorruptível, criador de tudo que existe; como também, descobriu a espiritualidade da alma humana; reconheceu o sentido espiritual das Sagradas Escrituras, passou a considerá-las como dignas de fé.

Convém lembrar que o problema do mal ainda persistia em inquietar Agostinho, pois por um lado a explicação dos maniqueus era muito simples e facilmente aceitável, o mal provinha de um princípio ontológico eterno identificado com as trevas. Agora, ao saber que não existem dois princípios ontológicos originantes do universo, mas tudo foi criado por Deus, como explicar o mal?

Em Milão, Agostinho teve a oportunidade de apreciar alguns livros platônicos, embora não seja possível definir quais livros ele teria lido naquele momento, é provável que não tenha lido diretamente Platão, mas através dos neoplatônicos. Em *Confissões* ele escreve,

“primeiramente, querendo tu mostrar-me como resistes aos soberbos e dás tua graça aos humildes, e com quanta misericórdia ensinaste aos homens o caminho da humildade, por se ter feito carne teu Verbo, ter habitado entre nós os homens, me fizeste chegar às mãos por meio de um homem inchado de monstruoso orgulho, alguns livros dos platônicos, traduzidos do grego para o latim” (AGOSTINHO, 1984, p. 151).

O relato ainda demonstra um Agostinho inflamado de vaidade e orgulho, viver em Milão para um africano significava muito, aquele lugar era um berço de cultura ocidental cristã, seja pelos filósofos que lá se encontravam, poetas, escritores, oradores. Entre o círculo de intelectuais milaneses, destacavam-se os neoplatônicos. Tendo em vista que a figura de Plotino para a tradição, de certo modo, aproximava os gregos aos anseios do cristianismo.

“Agostinho viverá do patrimônio neoplatônico acumulado no primeiro entusiasmo dos anos 385-386. Nunca o aumentará; utilizá-lo-á com cada vez menos boa vontade à medida que envelhecer; mas toda a sua técnica filosófica provirá dele” (GILSON, 1995, p. 144).

Especialmente em Plotino Agostinho encontrou elementos que o ajudaram na solução do problema do mal. De acordo com o neoplatonismo a realidade maior é o Uno. Todo ente é o que é por causa da sua unidade e sem esta unidade não existe o ente. Há em diversos níveis princípios de unidade, mas isto pressupõe um princípio supremo de unidade: o Uno. O mal é uma possibilidade da matéria que é o que está mais distante do Uno.

“Isso significa que não era necessário qualquer dualismo descrever a natureza do mal, conforme exigiam os maniqueístas. Para os neoplatônicos, o mal era simplesmente a ausência do bem. Era o objeto mais afastado da realidade maior do Uno e, conseqüentemente, a menos verdadeira de todas as coisas” (STRATHERN, 1999, p. 21).

O neoplatonismo elimina toda possibilidade de dualismo ontológico na explicação do mal, já que tudo procede do Uno, ou seja, do bem absoluto.

Plotino fora um filósofo de grande importância para a escola de Roma. A fundação de sua escola reporta um fato histórico para a filosofia, segundo estudos dizem que Plotino havia passado pela escola de Alexandria após uma expedição vindo da cidade de Alexandria, com o Imperador Gordiano, ambos chegando a Roma para habitar a cidade eterna. Escreveu uma obra com 54 tratados, estes organizados pelo seu discípulo Porfírio, em seis grupos de nove, cada, por isso o título de *Enéadas*.⁶

⁶ Na língua grega *ennea* significa nove.

“Plotino gozou de enorme prestígio. Suas aulas eram frequentadas até por políticos poderosos. O próprio imperador Galiano e sua mulher Solonina apreciavam nosso filósofo a tal ponto que chegaram a examinar em seu projeto de fundar uma cidade de filósofos, que deveria se chamar Platonópolis, cujos habitantes teriam que ‘observar as leis de Platão’, ou seja, viver realizando a união com o divino” (REALE, 2003, p. 358).

Na filosofia de Plotino há elementos de Aristóteles e Platão, mas Plotino traz em seu pensamento de certa maneira uma reformulação da metafísica clássica, não escreveu nenhum tratado de ontologia nos moldes clássicos aristotélicos. A sua tese principal é que todo ente será este próprio ente em virtude de sua “unidade”. Se não houvesse essa unidade, não haveria o ente. A unidade suprema está no Uno e o mesmo está acima do ser e da inteligência.

“A concepção do Uno-Bem como algo ‘acima do ser’ e, implicitamente, acima da inteligência (e, portanto também da vida) já transparecia em Platão. Mas somente em Plotino encontra-se a motivação radical e última desse ‘estar acima’, a qual consiste precisamente na ‘infinitude’ do Uno. Assim, é compreensível que Plotino tenda a dar ao Uno caracterizações e definições predominantemente negativas: com efeito, como infinito, não se aplica a ele nenhuma das determinações do finito, que são todas posteriores” (REALE e ANTISERI, 2003, p. 359).

A realidade segundo Plotino é composta por dois mundos: o mundo inteligível e o mundo sensível, isso já sendo trabalhado por Platão e Aristóteles. Tanto o inteligível como o sensível, ou seja, tudo que existe, procede de um único princípio, o Uno. O mundo inteligível é superior ao sensível e nele estão as três hipóstases primordiais.

A Primeira hipóstase: o Uno; bem absoluto; super-bem; ilimitado, infinito, perfeito e necessário. A causa de toda existência está no Uno, acima de todas as coisas, tudo o que existe anterior ao ser, sendo a sua causa em si.

“Deve-se destacar, porém, que o termo “Uno” referido ao princípio não significa um uno particular, nem o uno matemático, mas sim o Uno-em-si, vale dizer, a razão de ser de toda unidade, o absolutamente simples que é a razão do conjunto e do múltiplo. E essa ‘simplicidade’, enquanto é princípio, não é pobreza, mas ‘potência de todas as coisas’, ou seja, riqueza infinita” (REALE e ANTISERI, 1990, p. 341).

O Uno é a sua própria causa, a causa de si mesmo, apenas o Uno existe em si e para si, possui toda liberdade criadora. Tudo deriva do Uno em graus decrescentes de perfeição. Tudo está abaixo do Uno.

A Segunda hipóstase: o que procede do Uno. Espírito, inteligência, logos ou *Nôus*. É a mais perfeita proximidade do Uno, o que procede de melhor. Uma contemplação direta do que é o Uno, mas também contempla a si mesma. A inteligência⁷ pensa todas as coisas, com ela se inicia a multiplicidade. Plotino supera a ‘inteligência suprema’ aristotélica e o Mundo das Ideias de Platão, chega a um degrau mais próximo do que mais tarde Agostinho compreenderia e tomaria para si.

“O Espírito nasce do modo seguinte: A atividade que procede do Uno é como uma potência informe (espécie de ‘matéria inteligível’) que, para substituir, deve a) voltar-se para a ‘contemplação’ do princípio do qual derivou e fecundar-se ou preencher-se dele, e depois, b) deve voltar-se para si mesma e contemplar-se, assim fecundada. No primeiro momento, nasce o ser ou *substância* ou *conteúdo do pensamento*. No segundo momento, nasce o pensamento propriamente dito. Assim nasce também a multiplicidade (dualidade) de pensamento e pensado, bem como a multiplicidade no pensado, dado que o Espírito, quando se vê fecundado pelo Uno, vê em si a ‘totalidade das coisas’, ou seja, a totalidade das Ideias. Enquanto o Uno era a ‘potência de todas as coisas’, o Espírito torna-se ‘todas as coisas’ ou a explicação de todas as coisas no plano ideal. “O mundo platônico das Ideias, portanto, é o *Nôus*, o Espírito” (REALE e ANTISERI, 2003, p. 360).

A Terceira hipóstase, trata-se da Alma universal, o princípio gerador da vida a todos os corpos. Animar, ordenar e governar o sensível. Dessa Alma suprema ou Alma do mundo, derivam as almas particulares que descem ao sensível para animar os corpos. A Alma deriva do Espírito da mesma forma como este deriva do Uno.

“Do mesmo modo que as espécies e números estão contidos na Inteligência, as almas o estão na Alma. Algumas nunca se separam dessa Alma, mas há outras que o desejo dos corpos e da vida terrestre desvia da contemplação das realidades superiores. Essas almas caem, de certa forma, de seu lugar de nascimento, e deixam-se prender em corpos” (GILSON, 1995, P.131).

Com a Alma termina o mundo inteligível e passa-se para o mundo sensível, pois não são somente as hipóstases do mundo inteligível que procedem do Uno, mas também toda a multiplicidade do sensível, ou seja, há uma continuidade entre dois mundos, que não se contrapõem, mas formam uma unidade. Isso não significa que tenha igual valor, pois o mundo inteligível é superior ao mundo sensível. No mundo inteligível não acontece o mal, que será uma possibilidade da matéria, pois, nas sucessivas processões surgidas a

⁷ Reale e Antiseri (2003, p. 360) defendem que a tradução ‘Intelecto’ comparada a ‘Espírito’ empobrece não somente o significado do termo, mas também a ação de união do supremo Pensamento com o supremo Pensado.

partir do Uno existem graus de perfeição: à medida que se distancia do bem supremo, diminui-se a perfeição. E é justamente a matéria o que está mais distante do Uno.

A Alma pode assim, “retornar ao Uno”. Assim como o Espírito volta-se para contemplar o próprio Espírito, através dele, a Alma inclinando-se em direção ao Espírito, vê o Uno e entra em contato com o próprio Bem. Segundo o comentário de Marcos Nunes Costa,

“A irradiação luminosa do Uno perpassa tudo, até ao grau mais ínfimo (a matéria), que é o extremo oposto ao primeiro Princípio (Uno). Assim, tanto as três hipóstases do mundo inteligível como as substâncias materiais serão consideradas como expressões ou emanações de sua plenitude infinita, onde, se forma deterministicamente hierárquica, a Inteligência procede do Uno, como os raios emanam do sol; por sua vez, a Inteligência que é fecunda, engendra a Alma, com a qual chegamos aos limites do mundo inteligível e tocamos na origem do mundo sensível. A Alma por sua vez, não por capricho, desejo ou vontade sua, mas por necessidade, engendra o ser ou a matéria, último grau da processão, lugar da multiplicidade e, portanto, princípio, ou melhor, possibilidade do mal” (COSTA, 2002, p. 173).

É a Alma universal que realiza a passagem do mundo inteligível para o mundo sensível. Ela contempla o Uno através da segunda hipóstase, mas por outro lado ela se relaciona com o mundo sensível produzindo os seres corpóreos dando forma à matéria. Antes da sua união com a alma, no seu estado de pura natureza, Plotino considera a matéria como privação, ausência de forma, o não-ser, o “nada”.

A noção de “nada” foi um elemento que influenciou profundamente o pensamento de Agostinho para a sua solução do problema do mal. A explicação de Plotino para o mal era uma explicação natural: a matéria é o lugar de ocorrência do mal, potência do mal, mesmo que não seja o mal em si, como era considerada pelo maniqueísmo. O mal para Plotino é necessário, faz parte da ordem do universo. Obviamente, Agostinho não concordou com isso, já que para ele o mal não é um constituinte da ordem do universo, mas um dano para a ordem.

Com efeito, em Plotino, talvez Agostinho não tenha encontrado uma solução definitiva para o problema do mal, mas a sua ontologia serviu como um ponto inicial para a elaboração da sua solução. Agostinho utilizou o conceito neoplatônico do mal como distanciamento ou ausência do bem, privação, não-ser, para afirmar que o mal acontece quando o homem livremente se afasta de Deus preferindo amar mais as criaturas, inclusive a si próprio, do que o Criador.

3. A RESPOSTA DE AGOSTINHO PARA O PROBLEMA DO MAL APÓS SUA CONVERSÃO

Como já fora tratado nos capítulos anteriores, Agostinho se debruçou sobre este problema do mal que antes era um problema filosófico, passando por seitas, na busca de desvendá-lo. Posteriormente, a adesão à fé católica tornou-se um problema moral e argumentado na perspectiva teológica e da liberdade humana. O exame do mal passou a ser tratado do mais íntimo do seu ser, não somente tratando-se do mal como ação, mas sobretudo, como um problema que atingia sua alma, gerando assim remorso e tristeza ao olhar para a concupiscência de sua vida e rememorar tudo o que antes fizera não somente o mal para si, mas também contra a Igreja e contra os outros, faltando com caridade ao errar com outros ou levando-os ao erro.

“Quanto mais agudo era no meu íntimo o desejo de saber o que devia considerar como certo, tanto mais me envergonhava de me ter deixado enganar e iludir por tanto tempo com promessas de certeza e de ter proclamado como seguras tantas incertezas, pueril no meu erro e na minha paixão. (...) Mas o que já era certo para mim é que elas eram incertas, e que eu as tinha considerado certas, quando perseguia a fé católica com minhas cegas acusações. E se eu ainda não estava convencido de que esta fé ensinava a verdade, sabia, no entanto que não ensinava aquilo de que eu a acusava” (AGOSTINHO, 1984, p. 144).

Com tanta frustração de onde esperava que viesse a verdade, encontra-se no início desta nova caminhada com desconfiança, porém, sabia que precisava curar-se das decepções que já havia passado. Agostinho descobre na fé, agora, um caminho seguro para ser possível chegar à meta desejada, de encontrar uma resposta que acalentasse o seu coração e pudesse, assim também, ensinar a verdade a quem estivesse ao seu redor.

Podemos ver nos capítulos anteriores que antes de converter-se à fé católica, Agostinho fez o itinerário de adesão tanto aos maniqueus, como posteriormente aos neoplatônicos. Tanto o maniqueísmo como o neoplatonismo explicavam a presença do mal no mundo. No maniqueísmo explicaram o mal como um dualismo ontológico-cosmológico-materialista, que se formulava da seguinte forma, Deus não é a causa do mal, mas também não é onipotente. O mundo é fruto da luta constante entre o bem e o mal. A matéria é identificada como o mal, logo, o mal existe de forma concreta.

Dentro do neoplatonismo, tudo provém de um único princípio: o Uno. O mal não constitui um princípio ontológico em si mesmo e a matéria em si não é má, mas sim o lugar ou algo em que se encontra o mal, por estar mais distante da contemplação do Uno.

Afirmando que o mal não é o ser, mas o não-ser. Não é uma substância, mas a ausência dessa substância ou *não-substância*, ou seja, deficiência, falta de bem, devido as degradações que acontecem nas sucessivas processões do Uno.

“Assim como para Platão, os neoplatônicos viam a realidade última e o bem como transcendentais. A realidade maior era o Uno. Tudo emanava dessa unidade numa ordem descendente da realidade, valor e integração. O mal era oriundo da matéria indistinta presente na base dessa escala, no ponto mais distante do Uno, isso significa que não era necessário qualquer dualismo para descrever a natureza do mal conforme exigiam os maniqueístas. Para os neoplatônicos, o mal era simplesmente a ausência do bem. Era o objeto mais afastado da realidade maior do uno e, conseqüentemente, a menos verdadeira de todas as coisas” (STRATHERN, 1999, p. 20-21).

Ao ter se libertado do maniqueísmo e aderido ao neoplatonismo, descobrindo na amizade com Ambrósio de Milão, Agostinho estava convencido que tudo foi criado por Deus, inclusive a matéria. Mas, se tudo o que existe foi criado por Deus, e dele vem somente o que é bom, de onde vem então o mal?

“Ah! Suscitas precisamente uma questão que me atormentou por demais, desde quando ainda era muito jovem. Após ter-me cansado inutilmente de resolvê-la, levou a precipitar-me na heresia (dos maniqueus), com tal violência que fiquei prostrado, tão ferido, sob o peso de tamanhas e tão inconsistentes fábulas, que se não fosse meu ardente desejo de encontrar a verdade, (...) Ora, nós cremos em um só Deus, de quem procede tudo aquilo que existe. Não obstante, Deus não é o autor do pecado. Todavia, perturba-nos o espírito uma consideração: se o pecado procede dos seres criados por Deus, como não atribuir a Deus os pecados, sendo tão imediata a relação entre ambos?” (AGOSTINHO, 2019, p. 28).

Como podemos observar, Deus é o Criador de todos os bens e é infinitamente superior a todos, governa tudo que criou com perfeição. É tão grande e tão superior, que mesmo criando todas as coisas e sendo tão próximo do homem – como frisa Agostinho, acima -, não se mancha ou se fere com os males que saem das ações do homem, sua criação.

A base da cosmologia agostiniana está no princípio judaico-cristão da criação *ex nihilo*: Deus que é um ser único, livremente criou todas as coisas partindo do nada.

“A solução criacionista, que, para Agostinho, é ao mesmo tempo verdade de fé e de razão, revela-se de uma clareza exemplar. A criação das coisas se dá do nada (*ex nihilo*), ou seja, não da substância de Deus nem de algo preexistente (a fórmula que posteriormente se tornaria canônica seria *ex nihilo sui et subiecti*). Com efeito, explica Agostinho,

uma realidade pode derivar de outra de três modos: a) por *geração*, caso em que deriva da própria substância do gerador como o filho deriva do pai, constituindo algo idêntico ao gerador; b) por *fabricação*, caso em que a coisa que é fabricada deriva de algo preexistente fora do fabricante (de uma matéria), como ocorre com todas as coisas que o homem produz; c) por *criação a partir do nada absoluto*, ou seja, não da própria substância nem de uma substância extrema” (REALE e ANTISERI, 1999, p. 450).

O princípio da criação *ex nihilo* era duramente combatido pelos maniqueus, os quais chegavam a ridicularizar os cristãos e repudiar as Sagradas Escrituras, principalmente, o livro do *Gênesis*, no trecho em que afirma que Deus criou céu e terra. Pois, como já explicitamos anteriormente, os maniqueus acreditavam que o mundo era originado por dois princípios: o bem e o mal. O que existe não foi criado, são emanções coeternas dos dois princípios, ou seja, o princípio do mal está no mundo material e o bem está no mundo espiritual, no reino da luz, na substância de Deus.

No homem, há a emanção do princípio do mal aprisionada ao seu corpo, que é matéria, já a luz se encontrará na alma, que é prisioneira da matéria (corpo).

Por acreditar, defender e propagar o princípio de criação *ex nihilo*, Agostinho passou a combater com firmeza os princípios maniqueus. Para ele, a alma, assim como tudo que existe, não é de natureza divina, mas é criatura de Deus. Tudo o que existe é mero fruto da vontade de Deus, a vontade de Deus precede tudo que existe, Deus criou porque quis, não existe outra causa para o mundo senão essa.

“Portanto, Agostinho não tem dúvida de que o mundo não é autônomo, não forma um princípio nem um fim em si mesmo, mas foi criado por um ato livre de Deus, a partir do nada, contrariamente ao pensamento anterior a ele, o neoplatonismo, por exemplo, que concebia o mundo material como emanção necessária eterna ou coeterna com o Uno – Deus, e o maniqueísmo, no qual a matéria, além de ser eterna, aparece como um princípio independente de Deus” (COSTA, 2002, p. 230-231).

Tudo o que existe é fruto da vontade criadora de Deus. Com isso, o ser de cada coisa existente depende do ser de Deus, o supremo bem, imutável, eterno e imortal. É Ele o bem de todas as coisas, pois criaste bem todas elas. Eterno e imutável, pois é sempre o mesmo e para sempre. O tempo só existiu após ser criado, criando todas as coisas, assim também criou o tempo, mesmo Ele já existindo antes de todos os tempos.

“Só existe realmente aquilo que permanece imutável. Bom para mim é apegar-me com Deus, porque, se eu permanecer nele, tampouco poderei permanecer em mim mesmo. Ele, imutável em si mesmo, renova todas

as coisas. Tu és o meu Senhor, porque não tem necessidade de meus bens” (AGOSTINHO, 1984, p. 187).

Deus não criou todas as coisas tais como são, mas algumas criou em potência, para um posterior desenvolvimento no tempo dando origem a novos seres. A criação continua a acontecer no decurso do tempo. A cada coisa que evolui, a cada nova melhoria, a criação vai se mantendo contínua

“A criação do mundo ocorre de modo simultâneo, mas Deus não cria a totalidade das coisas possíveis como já concretizadas: Ele insere no criado as ‘sementes’ ou ‘germes’ de todas as coisas possíveis, as quais, posteriormente, ao longo do tempo, desenvolvem-se pouco a pouco, de vários modos e com o concurso de várias circunstâncias. Em suma: juntamente com a matéria, Deus criou *virtualmente todas as possibilidades de sua concretização, infundindo nela, precisamente, as razões seminais de cada coisa*. E a evolução do mundo ao longo do tempo outra coisa não é do que a concretização e a realização de tais ‘razões seminais’” (REALE e ANTISERI, 1990, p. 452).

Nas chamadas razões seminais ou *rationes seminales*, vemos que em alguns casos, Deus não criou as coisas exatamente iguais como são hoje, mas há nas coisas, a sua evolução, que se deu por meio da potência de cada coisa criada. No início, Deus fez sua criação do nada, ou seja, de matéria informe, daí se deu a criação dos seres e posteriormente, a sua multiplicação através destes mesmos seres.

Para Agostinho, a matéria informe é o substrato de tudo que surgiu, foi da matéria informe que saiu todo o restante da criação. O nada absoluto onde Deus criou todas as coisas é anterior à matéria informe.

“Mesmo supondo que o mundo seja feito de alguma matéria informe, essa matéria informe foi tirada totalmente do nada. Pois, mesmo o que ainda não está formado: sem dúvida alguma, de algum modo já tem iniciada sua formação. Ser susceptível de forma é benefício de seu Autor, e possuí-la é bem. A simples capacidade de forma é, pois, certo bem. Por conseguinte, o autor de todas as formas – que é o doador de toda forma – também é o fundamento da possibilidade de algo ser formado. E assim, tudo o que é, enquanto é, e tudo o que não é, enquanto pode vir a ser, tem de Deus, sua forma ou possibilidade de ser formado” (AGOSTINHO, 2002, p. 59).

Cada coisa foi criada a partir de uma ideia pensada por Deus, cada coisa tem o seu fundamento. Se as ideias de todas as coisas criadas ou daquelas que ainda irão surgir estão na mente de Deus, são eternas, pois na mente de Deus não pode haver nada que não seja eterno e imutável.

“Portanto, todas as coisas, pelo fato de existirem, são boas. E aquele mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância. Porque, se o fosse, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e, portanto um grande bem; ou seria substância corruptível, e então, se não fosse boa, não se poderia corromper. Desse modo, vi e me pareceu evidente que criaste boas todas as coisas, e que nada existe que não tenha sido criado por ti. E porque não as criaste todas iguais, cada uma em particular existe porque é boa, e tomadas em conjunto são muito boas. De fato, o nosso Deus ‘criou todas as coisas muito boas’ (cf. Gn 1)” (AGOSTINHO, 1984, p. 188).

Se o mundo foi criado, logo não é eterno. Os maniqueus acreditavam que o mundo era coeterno com os princípios originantes do bem e do mal. De acordo com Plotino, todas as coisas, inclusive a matéria, procedem do Uno e são todas eternas. Já para Agostinho só Deus é eterno, todas as coisas criadas são temporais, como também, não são da mesma substância de Deus.

Se o maniqueísmo julgava ser, o mundo submetido ao dualismo entre o mundo material e o espiritual, e Plotino via que a matéria está mais distante do Uno mesmo procedendo do Uno, Agostinho acreditava que o mundo material não é da mesma essência de Deus, logo, lhe é inferior, contudo, conservava-se próximo a Ele, visto que Ele é o responsável por sua criação. Além do mais, mesmo tendo sido criado unicamente por desejo de Deus, o mundo não é necessário, pois Deus sendo absoluto, jamais necessitaria deste mundo ou de nós, porém, quis Ele criá-lo, mesmo podendo tê-lo feito de outra forma ou nem mesmo fazê-lo.

O ordenamento das coisas vem de Deus, por suas instruções que nos foram dadas, não sendo Ele alheio à sua criação. Sendo assim, não é o “mal” que impera no mundo e nos separa de Deus, mas é o homem que opta por agir completamente estranho aos bens que lhe foram concedidos. Diz Agostinho (2019, p. 133): “deixar de fazer o mal é pouco, se não fazes nenhum bem”.

Pode-se entender que fazer o mal não é outra coisa senão abandonar a instrução da moral, do bem. O que seria Deus se abandonasse estas coisas?

Aquele que é o Criador por excelência, não poderia ser Ele o autor do mal, sendo Ele que nos criou e nos dotou de tantos dons. Seria mais correto dizer que Deus é justo, pois recompensa com os bens eternos aqueles que fazem o bem, e a punição eterna a aqueles que praticam o mal.

Na concepção dos maniqueus, se Deus é o criador do universo, não seria possível que Deus fosse o responsável pelos males do universo. Sobre essa posição, Agostinho afirma que o mal não existe em si no universo, não sendo uma substância ontológica.

Agostinho pôde compreender que todas as coisas que acontecem no universo, nada será sem uma causa, e a causa de tudo é Deus.

“Deus – providência, onisciência e onipotência – tudo criou e tudo governa de tal forma, que nada acontece no universo por acaso: Quem negará, ó Deus grande, que tudo administras com ordem?” Ou que nada existe no universo que esteja fora de ordem dada e governada por Deus” (COSTA, 2002, p. 244).

Sendo Deus o princípio de toda criação e sujeição das coisas, logicamente o ordenamento do universo virá de Deus, é bom que toda a sua criação alcance toda a potência que lhe foi concedida, mas, sobretudo, porque Deus permite. E toda a ordem do universo estando em Deus, quer Ele que o homem criado à sua imagem e semelhança, também seja portador de ordem. Na história humana sempre houve e sempre haverá desordem, violência, injustiça e roubos entre tantos outros males que muitos se perguntam o porquê de tais males ou por que eles existem e por que são da permissão de Deus? É por isso que não haverá acaso nesta vida, pois não pode haver algo que fuja da capacidade de Deus diante de sua grandeza, onisciência e onipotência.

“Ora, o que a ordem quer em toda parte e sempre é que o inferior esteja submetido ao superior. Sem dúvida, corretamente falando, tudo o que Deus criou é bom; desde a criatura racional até o mais ínfimo dos corpos, não há nada de que o homem não possa usar legitimamente, mas a dificuldade dele consiste em distinguir entre os objetos, todos bons, que, contudo, não são igualmente bons. É necessário que ele os pese, aprecie-os em seus valores justos, subordine os bens exteriores ao corpo, o corpo à alma (no homem) e, depois, na alma, submeta os sentidos à razão e a razão a Deus” (GILSON, 2010, p. 249).

Agostinho aponta a contradição entre os maniqueus, onde eles consideram a própria criação como algo mal, atributos que não são outra coisa senão bens, a própria existência.

Se o mal tivesse existência ontológica, com certeza não seria um mal, mas um bem, pois aquilo que é criado possui sua existência, portanto, é bom. Agostinho também não aceitava a concepção plotiniana da matéria como o não-ser ou o nada, o lugar da possibilidade do mal, mas é exatamente o contrário, a matéria poderá ocupar o lugar do bem inferior, pois, nela está a potência dos seres, e todos os seres são bons. Assim, para Agostinho, toda natureza é boa enquanto tal, justamente por possuir sua natureza que lhe foi dada, por existir. Aquilo que aparenta o mal, na verdade é uma diminuição do bem ou não execução do bem que poderia ser feito. Todas as coisas que existem são boas e nelas

existe sua utilidade. Até mesmo aquilo que nos vem como algo mal, desse algo mal pode ser tirado o bem. Até mesmo aqueles seres mais nocivos e perigosos, no universo se encaixam em algo, em alguma função, se encaixam em alguma importância.

“Não existe mal no cosmo, mas apenas *graus inferiores de ser em relação a Deus*, que dependem da finitude da coisa criada e dos diferentes níveis dessa finitude. Mas até aquilo que, numa consideração superficial, parece um ‘defeito’ (e, portanto poderia parecer um mal), na realidade, na ótica do universo visto em seu conjunto, desaparece: os graus inferiores de ser e as coisas finitas, também as mais ínfimas, revelam-se momentos articulados de um grande conjunto harmônico. Quando, por exemplo, julgamos que a existência de certos animais nocivos seja um ‘mal’, na realidade nós estamos medindo com o metro da nossa utilidade e da nossa vantagem contingente e, portanto, numa ótica errada, medida com o metro do todo, cada coisa, mesmo aquela aparentemente mais insignificante, tem seu sentido e a sua razão de ser e, portanto constitui algo positivo” (REALE e ANTISERI, 1990, p. 455).

No universo existem graus de perfeição. Só Deus é perfeito por excelência e nada mais pode ser comparado. Os demais seres por procederem de Deus são bons, pois foram criados por vontade d’Ele, não podendo assim, sair algo ruim de Deus, porém, não possuem a plenitude do bem.

“Entre os seres que têm algo de ser e não são o que é Deus, seu autor, os viventes são superiores aos não viventes, como os que têm força generativa ou apetitiva aos que carecem de tal faculdade. E entre os viventes, os sencientes são superiores aos não sencientes, como às árvores os animais. Entre os sencientes, os que têm inteligência são superiores aos que não a têm, como aos animais os homens. E, ainda, entre os que têm inteligência, os imortais são superiores aos mortais, como aos homens os anjos” (AGOSTINHO, 2014, p. 36).

Apesar das coisas serem mutáveis, isso não quer dizer que não tenham sido boas, a sua criação certamente foi muito boa, com potencial incrível, apenas podem ter tomado uma direção diferente da finalidade para a qual tal coisa foi criada.

Sendo a criação algo bom, mesmo carregando o peso da maldade que há, o que seria então, de fato, o mal? Para Agostinho, o mal está na corrupção. A corrupção nunca poderá existir por si mesma, nunca poderá ser algo que possui forma, apenas afetará uma substância. Se não existisse a substância corrompida, não existiria a corrupção. Então, o mal não é outra coisa senão a ausência do bem, a ausência do ser.

“Se o sumo bem – Deus - é imutável e incorruptível, e se a própria corrupção, que é o sumo mal, não se pode corromper a si mesma, visto carecer de qualquer bem, só resta um lugar onde a corrupção pode

acontecer, nos seres criados, que recebem a sua bondade ou seu ser de Deus, embora não a plenitude do ser, mas apenas certa medida de participação. Ao contrário, seriam o próprio Deus e não se corromperiam. Assim, por não possuírem a suma perfeição ou o sumo bem, mas apenas certo grau de participação de Deus, os seres criados podem sofrer corrupção” (COSTA, 2002, p. 271).

Para o mal acontecer precisa de uma natureza corrompida ou danificada. Esta natureza danificada não é o sumo mal, pois não pode ser absolutamente ruim aquilo que foi criado para ser bom, não pode ser o sumo bem, pois assim jamais seria corruptível. O mal é o oposto da natureza das coisas, é aquilo que é exercido de forma diferente para o que foi criado. O mal é o oposto da natureza, aquilo que leva ao não-ser.

“Mas a natureza é proporcional ao bem; assim, medida, forma e ordem superiores implicam uma natureza superior; inferiores supõem uma natureza inferior; nulas, correspondem a uma natureza nula. Ora, ‘nulla natura’ é, como queiramos, natureza nula ou nula natureza; de todo modo, é o nada. Assim dado que toda natureza consiste em três perfeições, toda natureza é boa por perfeição” (GILSON, 2010, p. 273).

Agostinho pôde chegar à iluminação de que o mal não estaria nas coisas ou que não teria uma substância ontológica, mas na privação do bem que o homem por ele se decide. Mas tudo isso ainda não chegaria à solução definitiva para a questão em si, então viu a necessidade de se aprofundar ainda mais no assunto e partiu para o problema do mal como algo moral. Há a necessidade de uma explicação que deixa de ser centrada em Deus para agora ir em direção ao homem.

Deus dá toda a liberdade à cada ser humano, apesar de ser o Criador diante de sua criação. E por que o homem age mal? Por sua livre decisão de escolha, pois esta ordem para a prática do mal não vem de Deus, d’Ele vem senão o ordenamento de todas as coisas. O homem comete o mal por sua livre decisão, o livre-arbítrio coloca o homem em suas próprias mãos: somos os donos de nossas ações e decisões. Cabe a nós a escolha entre o bem e o mal (Agostinho, 2019, p. 9).

Sendo assim, o livre-arbítrio, será para cada um motivo de mérito ou demérito. Mérito caso usemos para realizar escolhas que reflitam como um bem para nós; demérito se o usamos para pecar contra Deus e contra nossa própria natureza.

Temos ainda exemplos de mentes brilhantes de grandes pessoas que mudaram o curso da humanidade, empregando os dons que receberam em favor de muitos. Da mesma forma, podemos ver também líderes seja de Estado, seja de pensamentos, que as usaram não para a prática do bem, mas para favorecimento pessoal ou à prática do terrorismo, genocídio etc.

“Quanto ao que concerne o mal moral, o problema parece mais difícil de ser resolvido. Se as ações dos homens não são sempre o que deveriam ser, sua vontade é a responsável. O homem escolhe livremente suas decisões e é por ser livre que é capaz de fazer mal. A questão é, portanto, saber como um Deus perfeito pôde doar-nos o livre-arbítrio, ou seja, uma vontade capaz de fazer o mal” (GILSON, 2010, p. 276).

Vemos, assim, se confirmar a opção do homem, através de sua própria decisão tanto para o bem como para o mal, nestes casos descritos acima, para o mal, quando é atraído por algo que o seduz, conforme suas ambições pessoais.

Cada pessoa possui sua própria personalidade, sendo assim, há também as coisas que dão prazer a cada um com suas características. O que para um o motivo de ruína pode ser o dinheiro, para outro, o apetite sexual, para outro, a inveja. Cada ser possui suas paixões, seu ponto fraco em relação a alguma coisa, por isso também, o mal é tão comum na história da humanidade, porque é a ambição que muitas vezes moverá o homem.

“Portanto, tendo em conta que as paixões exercem sobre a mente seu cruel e tirânico domínio, e que, encontrando mil tempestades, perturbam profundamente o humor e a vida do homem, levando-o de um extremo ao outro: de um grande temor ao desejo, de uma angústia mortal a uma vã e falsa alegria, do tormento de ter perdido um objeto muito amado a um ardente desejo de possuir o que não se tem, de uma grande dor sofrida pela injúria que a recebeu a um insaciável desejo de vingança; para onde quer que se volte este homem, a ganância o cerca, a luxúria o consome, a ambição o prende, a soberba o incha, a inveja o atormenta, a preguiça o anula, a teimosia o penetra, a humilhação o aflige, e é, finalmente, o alvo de inúmeros males que lhe acarretam o império da paixão; podemos ter em conta de nada esta punição a que, como percebes, estão submetidos todos aqueles que não possuem a verdadeira sabedoria” (AGOSTINHO, 2019, p. 40).

É por este motivo que apenas o homem, é capaz de querer ou não querer, de decair ou crescer na virtude, de amar a Deus ou ir contra Ele. Deus criou o homem com tal dignidade. Este livre-arbítrio é o sinal iminente em nós da imagem de Deus.

Para Agostinho, o homem decide pecar por uma vontade má que escolhe para si, chamada concupiscência, sendo assim, o homem para não se inclinar a essa vontade corruptora necessita estar ordenado em sua natureza, submetendo seus sentidos externos aos internos, destes, submetidos à razão e não às paixões, estas que, não ordenadas, podem levar o homem não somente à infelicidade, mas também a um abismo sem fim.

“É nesse arsenal, onde há coisas boas e más, que nossa preguiça e nossa sensualidade encontrarão suas justificativas. Das ideias dessa natureza, somos senhores; podemos ordená-las, desenvolvê-las a nosso bel

prazer; mas se temos todo o poder sobre elas, elas não têm nenhum poder sobre nós (...) é a luta de um pote de barro contra um pote de ferro” (PAYOT, 2018, p. 50).

O homem que se perde por conta de seus desejos é motivo de curiosidade antes mesmo da filosofia cristã, basta examinar o que escreve Heráclito de Éfeso, muitos séculos antes de existir o cristianismo: “dura é a luta contra o desejo, que compra o que quer à custa da alma” (VILLAMARÍN, 2002, p. 139).

Tornando assim escravo de suas desordens, preso ao mal e longe da conquista da *beata vita*, o homem, assim, necessita de restauração, voltando os olhos para seu interior, percebendo que deverá submeter as paixões desordenadas que levam o homem para longe da sabedoria, pela força da concupiscência, à razão e à ordem. Muitos classificam suas quedas como um impulso da carne. De acordo com Agostinho

“Não oramos para que não sejamos tentados, mas para que não sejamos levados à tentação. É como alguém que deva ser examinado pelo fogo: ele não pede que o fogo não o toque, mas que não o queime” (AGOSTINHO, 2019, p. 135).

Torna-se um equívoco dizer que é da carne que provêm estes impulsos, pois nosso corpo apenas obedece ao que manda nossos impulsos, e estes mesmos provêm tão somente do espírito, pois é este mesmo espírito que diz o que queremos fazer e controla nossa carne.

Quanto a isso, o mesmo pensamento de Agostinho é inspirado por Plotino, quando diz: "A vida perfeita envolve um homem que domina a razão e a contemplação" (PLOTINO, 2010, p. 48).

Sendo reordenado, afasta para longe de si a má imaginação, os desejos carnis, paixões, pela sabedoria que vem de Deus, iluminando a razão humana, encontrando a liberdade, dirigindo-se à sua real natureza, a paz de estar em paz consigo mesmo e com Deus. Esta é a união do homem com a vontade do seu Criador, a beatitude, a alma que se une com a Verdade.

“O homem age segundo suas paixões, as quais, por sua vez, são apenas expressões diretas de seu amor. Então, se seu amor for bom, suas paixões e sua vontade serão igualmente boas; se for mau, elas, por sua vez, serão más” (GILSON, 2010, p. 259).

Sendo justamente esta ordenação das paixões, que Agostinho classifica como movimentos da alma, que podem ser também chamados de perturbações, disposições ou afetos.

Este questionamento pode gerar grande confusão para muitos, sendo que Deus tenha nos concedido este direito dado por seu livre querer, tantos se arrastam para uma vida de tormentos. Muitos por ignorância ou talvez por falta de responsabilidade própria, ao ter a curiosidade ou pressa em investigar por que o mal existe, porque sofremos ou de quem é a culpa de todos os males, apressam-se em encontrar culpados para todas as coisas, colocando muitas vezes a culpa em outrem, e muitas vezes o “punidor” de tantas coisas acaba sendo Deus o eleito, esquecendo, assim, o ser humano, de olhar para os seus próprios atos, ignorando onde esta a raiz do problema:

“O livre-arbítrio é a causa do mal. Isto porque, como o homem é dotado de liberdade de escolha, pode se decidir por pecar ou não pecar, pode escolher fazer para si uma vontade má, ou corresponder ao chamado de Deus para realizar boas obras. Está em suas mãos! Porém, deve refletir sobre suas escolhas: ao escolher o pecado, escolhe não apenas ir contra Deus, mas também trabalhar contra si mesmo, não encontrando o sumo bem e muitos menos a ‘beata vita’, ou seja, não se realizando em seu ser e corrompendo sua própria natureza. Em contrapartida, se escolhe fazer o bem e a vontade de Deus, a graça divina o ajudará e ele conhecerá a verdade eterna e imutável para unir-se a ela – ou seja, o sumo bem que é o próprio Deus – realizando-se em sua natureza” (AGOSTINHO, 2019, p. 10).

Deste modo, se chegarmos a ver que nos foi dada como um bem, teremos também como certo que ela nos foi dada por aquele mesmo que por pura bondade nos concedeu todos os bens.

É um grande erro do homem esquivar-se das consequências de suas ações e transferir suas culpas sem examinar-se a si mesmo e não buscar corrigir-se. Pois dotado de tantos bens e dons, é um desperdício a humanidade não se descobrir capaz de tantas possibilidades para praticar o bem, aceitando e sendo conivente com seus próprios erros.

“Portanto, o homem preferiu a si mesmo e, por isso, se desviou de Deus, essa queda deve ser considerada em razão de uma simples fraqueza do livre-arbítrio humano; Deus lhe dera tudo o que era necessário para leva-lo a evitar a queda” (GILSON, 2010, p. 284).

Muito pelo contrário, o homem sabendo de suas capacidades tanto para o bem como para o mal, deve buscar assemelhar-se aos grandes mestres espirituais e intelectuais, e dispor de seus dons e intelecto para a boa prática, lembrando sempre de que se muitos

dos males que há no mundo provem do próprio homem, sigamos uma vida justa e disponível sempre para o bem, e assim não estaremos contribuindo para que o mal vença nem se sustente no mundo.

Através das más escolhas, podemos comprar nossa própria infelicidade de forma deliberada, ferindo nossa natureza humana, abraçando nossa concupiscência. Outrora o mal entrou no mundo por desobediência humana, mas somos nós que escolhemos o que abraçaremos em vida, se queremos viver uma vida plena no bem ou no mal.

“Tal é a razão pela qual Agostinho não para de afirmar que o erro original foi um efeito do livre-arbítrio do homem e, portanto, deve ser imputado primeiramente à sua vontade. A partir de então, vemos plenamente o quanto era verdade dizer que Deus fez tudo bom e que o movimento que separou o homem de seu fim veio somente do próprio homem” (GILSON, 2010, p. 285).

Cabe ao homem encontrar-se na vocação para qual foi criado, ou seja, ser dotado de força, mas também de intelecto e sabedoria, diferenciando-se de um simples animal, que se reduz a estímulos, instintos e prazeres do corpo. Evitando para si a busca de males que somente corromperão sua alma. Pois nenhum espírito vicioso pode, por conseguinte, dominar outro virtuoso. Não é e jamais será o corpo que deve dominar o ser humano, mas este mesmo corpo deve estar em estado de submissão ao nosso espírito, já que toda vontade boa ou má vem dele e não do corpo, mas este mesmo deverá apenas obedecer.

No entendimento do Santo de Hipona:

“E por isso mesmo, se o homem não estivesse dotado de vontade livre, seria injusto o castigo e injusto também o prêmio. Mas necessariamente deve haver justiça, seja em punir, seja em premiar, porque este é um dos bens que procedem de Deus. Logo, era preciso que Deus dotasse o homem de livre-arbítrio” (AGOSTINHO, 2019, p. 59).

Sendo todos os homens destinados à felicidade, ainda assim, permanecem na vida infeliz, quando são dominados por suas más vontades. O justo adquire o prêmio da felicidade por sua retidão de vida, quando que, o injusto mesmo se esbaldando em seus erros, mesmo assim deseja uma vida boa, confortável, sem entender ele que, sua felicidade dependerá totalmente daquelas práticas que escolheu para sua vida.

“Então, quando dizemos que os homens são infelizes por sua própria vontade, não queremos dizer que queiram ser infelizes. Mas possuem uma tal vontade, que a desgraça se segue necessariamente, mesmo sem ser buscada por eles. Portanto, não há contradição no raciocínio supracitado: todos os homens desejam ser felizes e não podem sê-lo.

Porque, na verdade, nem todos querem viver retamente, e é esta vontade de viver retamente que deve ser a vida feliz” (AGOSTINHO, 2019, p. 49).

Os sofrimentos temporais que os de uma má vida passam, não invisíveis ou inimagináveis, pois o próprio Agostinho os sentiu em vida, em grande parte de sua juventude e vida adulta. De ação em ação que se afastava de Deus, sua própria alma sofria as dores do cárcere do que ofende a vontade divina.

“Por isso me puniste com graves castigos; mas estes eram nada diante das minhas culpas, ó Deus misericórdia infinita, que és o meu refúgio contra esses males terríveis, entre os quais presunçoso divaguei, de cabeça erguida, afastando-me de ti cada vez mais, ao amar a liberdade de um fugitivo” (AGOSTINHO, 1984, p. 65).

Este mal assola a alma de muitos dos que querem abraçar uma vida voltada para várias direções, mas sem uma direção concreta, acabam amando muitas coisas, inclusive, muitas que os levam para um amor equivocado e desordenado. Amam, assim, muitas coisas, sobretudo as que os aprisionam a alma.

“Aquele que deseja o que não deveria desejar, se equivoca, embora realmente não desejasse se não lhe parecesse bom. Apenas não estaria no erro aquele que nada deseja ou o que deseja o que se deve desejar. Por conseguinte, nenhum homem erra quando deseja a vida feliz. O erro de cada um consiste em que, confessando e proclamando que não deseja outra coisa que chegas à felicidade, não segue, porém, o caminho da vida que a ela conduz. O erro está, pois, em que, seguindo um caminho, sigamos aquele que não conduz para onde desejamos chegar. Quanto mais alguém erra o caminho da vida, tanto menos é sábio, porque está mais distante da verdade, em suja posse e contemplação, consiste o sumo bem” (AGOSTINHO, 2019, p. 86).

É interessante perceber como a maioria das pessoas têm uma grande dificuldade para com o resultado que vem por conta de seus atos, pois o preço do pecado é a infelicidade que o ser humano dificilmente é capaz de suportar, pois, certamente não foi criado para isso. Vivemos uma concreta crise de senso de responsabilidade, em que muito se escolhe e pouco se quer arcar com as implicações pelo preço de suas inclinações.

“Tal é a razão pela qual Agostinho não para de afirmar que o erro original foi um efeito do livre-arbítrio do homem e, portanto, deve ser imputado primeiramente à sua vontade. A partir de então, vemos plenamente o quanto era verdade dizer que Deus fez tudo bom e que o movimento que separou o homem de seu fim veio somente do próprio homem” (GILSON, 2010, P. 285).

É notória a necessidade manifestada por muitos de consciente ou inconscientemente, sempre procurar culpados para justificar os próprios sofrimentos, não aceitando que estes, muitas vezes, são sequelas diretas das más opções que nós fizemos em nossa trajetória pela vida.

Deve, então, o homem buscar reparar seu mau comportamento quanto às vezes que agiu separando-se da vontade de Deus, que é a feliz liberdade, não o aprisionamento às coisas ruins.

Ao entendermos para o que fomos criados e dotados, somos introduzidos ao caminho da verdade suprema, que é Deus.

É pura graça, ao homem que, saindo da vida infeliz e desordenada, descobre a luz, a sabedoria que desvenda seus olhos da cegueira que o envolvia na escuridão.

“Ai daqueles que abandonam a ti! Tu que eras um guia para aqueles que se extraviam de teus caminhos. Ai dos que amam teus sinais, em vez de amarem-te a ti mesma, e que se esquecem de teus ensinamentos! Ó dulcíssima luz, sabedoria da alma purificada! Tu não cessas de nos mostrar qual é a tua natureza e quão grande és, e que teus caminhos são a beleza das criaturas” (AGOSTINHO, 2019, p. 105).

É nisto que Deus não se contradiz, quando dota o homem independente de mordanças quanto ao seu querer, concedendo-lhe bens e graças, e um caminho livre a seguir. Agindo pelas virtudes, age bem. Unindo a alma aos bens imutáveis, não se pode fazer mau uso destas virtudes, mas sim o alcance da bem-aventurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar sobre o livre-arbítrio é aprofundar-se nas realidades temporais ou eternas que envolvem o homem, e os gêneros de homens divididos em os que seguem e amam os preceitos eternos e os que amam e servem às coisas temporais.

Durante sua juventude, Agostinho não fez o bem que poderia fazer, sentiu prazer nisso, depois se cansou, entediou-se consigo mesmo. Não encontrou respostas satisfatórias nas Sagradas Escrituras, que preenchessem suas necessidades ou lhe apresentassem compreensão nas suas inquietações. Buscou consolo para as suas frustrações e para desvendar o que seria o mal na sua vida e na vida dos homens, pelas vias do maniqueísmo no dualismo ontológico-cosmológico-materialista, não se dando por satisfeito e cansado de achar insuficiente e incoerente as respostas oferecidas no maniqueísmo, passou para o neoplatonismo e lá se aproximou de uma resposta para o mal, iniciando com o conceito de substância espiritual de Deus, como o Bispo Ambrósio de Milão encontrou os meios necessários para finalmente se encontrar e se dar por convencido nos ensinamentos da doutrina católica e filosofia cristã.

Descobriu que a criação de Deus não era de forma alguma má, o que há de mal no mundo é o que vem das próprias mãos da criação. O pecado que trouxe o problema do mal, a desobediência humana que jogou fora a ordem perfeita na criação. O livre-arbítrio como dom generoso de Deus, que fez o homem livre, definitivamente longe de ser preso, pois se o homem fosse escravo de Deus, jamais poderia escolher entre fazer o bem ou o mal. É justamente por essa liberdade concedida ao homem, que, não tendo a mesma natureza divina igual ao Criador, mas a natureza corruptível, que o mal se estabeleceu entre os homens, por livre querer de nossa capacidade.

Do mesmo modo que o homem é capaz de coisas terríveis, é também ele capaz do grande bem que por sua benfeitoria, chega não somente aos que lhe são próximos, mas também ao coração de Deus, através de uma vida virtuosa, que se dá, senão, por reta vontade e disposição do coração do homem, que, apesar da triste vida ser factível e uma realidade para muitos em nosso meio, a vida feliz é descobrir a verdade que está no bem-fazer das coisas cotidianas.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Sobre o Livre-arbítrio**. Campinas: Ecclesiae, 2019.

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.

AGOSTINHO. **O Sermão da Montanha**. Dois Irmãos: Minha Biblioteca Católica, 2019.

GILSON, Étienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho, 2ª Ed.** São Paulo: Paulus, 2010

GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1995.

VILLAMARÍN, Alberto J. G. **Citações da Cultura Universal**. Porto Alegre: Editora AGE Ltda., 2002.

PLOTINO, **Enéada I**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

EVANS, Gillian R. **Agostinho sobre o mal**. São Paulo: Paulus, 1995.

MATHEWS, Gareth B. **Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Filosofia pagã antiga, v. 1**. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.

PAYOT, Jules. **A Educação da Vontade**. Campinas: Kírion, 2018.

STRATHERN, Paul. **Santo Agostinho em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O problema do mal na polêmica antimaniqueia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: EDIUCRS/Recife: UNICAP, 2002.